

Estudos Afro Latino-americano: uma perspectiva desde O OLHAR afropindorâmico até o afrofuturismo

Antonia Gabriela Pereira de Araujo¹

Os povos negros e indígenas, em toda América Latina e Caribe, têm criado estratégias de luta e contra narrativas diante dos sistemas de colonização, exploração e escravidão. Algumas dessas contra narrativas são a marronagem (Neil Roberts, 2015), o quilombismo (Abdias do Nascimento, 1980), a fugitividade (Fred Moten, 2017), o abolicionismo (Angela Davis, 2003) e o Pensamento e prática AfroPindorâmico (Nego Bispo, 2015), elaborados como práticas de desejar e almejar a liberdade, bem como formas de escapar da violência e de reivindicar novas formas de inclusão e constituição de novos lugares no território nação em formação. Além disso, a atual produção da imaginação como prática de criar futuros tem se apresentado nos textos literários e nos repertórios imagéticos sob o nome de "afro futurismo", abrindo possibilidades para outros imaginários e para a criação de outros lugares/futuros negros e colocando em debate o tema do corpo/espírito como terra, a memória corporal como prática de libertação, os ciberespaços e as temporalidades quânticas negras como protocolos seguros para desestabilizar formas arraigadas de violência ocidental. Este dossiê convida todos a refletirmos sobre fugitividade, quilombismo, cimarronaje, afrofuturismo e o movimento afro-pindorâmico em suas muitas formas, físico e transcendental, no passado, presente e futuro. Como essas práticas almejam a liberdade? Como essa liberdade foi e ainda é sonhada, experienciada e recriada nas Américas e no Caribe?

Existe uma longa história de fugitividade e quilombismo nas Américas. Os primeiros quilombolas no hemisfério foram grupos indígenas que escaparam do sistema de encomenda, escravidão e formas relacionadas de violência e subordinação espanhola durante o início do período colonial. As práticas indígenas de fuga e afirmação de autonomia continuaram ao longo dos períodos coloniais e nacionais. Dos quilombos do Brasil e dos palenques da Colômbia, Panamá, México, Peru e Caribe hispânico, às sociedades quilombolas da Jamaica, Suriname e Estados Unidos, os africanos escravizados também se engajaram em formas estratégicas de fuga e quilombismo. O movimento afro-pindorâmico, idealizado por Nego Bispo reivindica que a luta, bem com as estratégias de resistência contra-colonial foram e ainda devem ser construídas num ajuntamento de vozes indígenas e negras. Neste dossiê, os artigos expressam que essas práticas são de

¹ Pós doutora em Estudos afrolatino americanos na Universidade de Harvard
<http://lottes.cnpq.br/9568971405626954>

retraimento, mas não são de separação total e além disso revelam que a história do quilombismo é também uma história das relações entre negros e indígenas.

Os artigos demonstram que as ações organizacionais contemporâneas de negros, indígenas, latinos, feministas e queer contra a violência e vigilância do Estado, são uma permanente e contínua luta coletiva intergrupos étnico-raciais pela autodeterminação estética, social, política e territorial. As análises feitas pelos autores e autoras deste Dossiê conferem aos conceitos de quilombismo e afro-pindorama relevância contemporânea para criação de um debate Afro latino-americano sobre as diásporas negras na América Latina e as suas ressonâncias.

No entanto, se há, por um lado, o caráter de cruzamento de ideias e um teor transnacional dos movimentos de luta e das estratégias de resistência negras e indígenas que envolvem todos os países da América Latina e do Caribe, o mesmo não se pode afirmar do movimento de formação dos programas e cursos na academia brasileira e latino-americana em temas ligados aos Estudos afro-diaspóricos e os Estudos afro-brasileiros, como afirmaram os autores do artigo “Estudos Afro-latino-americanos no Brasil areja disciplinas e demanda investimentos²(2025) e como apontou Alejandro de La Fuente no artigo “Combate ao racismo exige superação do isolamento de disciplinas” (2023)³. Os dois artigos demonstraram como ainda é difícil mensurar a ampliação de investigações com diversificação epistemológica e transnacionais na análise das formas de quilombismo, marronagem e fugitividade na América Latina e Caribe. No entanto, os artigos evidenciam, também, que é possível dimensionar o quanto desses estudos e desses intelectuais estão a margem de programas, campos de saber e cursos que se restringem a políticas disciplinares que não reconhecem a capilaridade do racismo e das suas formas de combate.

O campo de estudos nomeado *Black Studies* e os *African-American Studies* institucionalizado, na década de 60 e 70, através da luta de estudantes negros nos EUA, confirmou o quão legítimo e necessario é a conformação de um campo multidisciplinar que tenha como fio condutor o estudo das relações étnico-raciais. No Brasil, os temas como racismo, currículo, campos de saber, produção do conhecimento e,

² Ver mais em Jornal Nexo Políticas Públicas.

<https://pp.nexojornal.com.br/opiniaao/2025/03/14/estudos-afro-latino-americanos-no-brasil-areja-disciplinas-e-demanda-investimentos>

³ Ver mais em Jornal Folha de São Paulo,

<https://www1.folha.uol.com.br/autores/alejandro-de-la-fuente.shtml>

particularmente, como o conhecimento disciplinar oblitera um caminho possível para o enfrentamento não só do racismo, mas da desigualdade estrutural da sociedade brasileira, foram discutidos com mais periodicidade dada à entrada de alunas negras e indígenas nas universidades públicas e como consequência da ampliação das políticas afirmativas, tanto a Lei 10.639/2003, quanto a construção dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABIS) e das políticas de permanência de pessoas negras, quilombolas e indígenas em decorrência das políticas de cotas raciais e sociais, como exposto por Araujo em seu artigo “O corpo negro no trabalho de campo: notas de uma pesquisadora negra em Havana” (2020). Esse contexto coloca em cheque como o conhecimento disciplinar e a ausência de cursos, programas e departamentos que realmente levem a sério as tensões geradas por um espaço epistemológico de investigação moldado pelas histórias do imperialismo e do colonialismo dos Estados Unidos e da Europa, podem acentuar uma discussão implicitamente presente em todas as áreas de conhecimento quando dada o desejo de alunos realizarem estudos sobre as relações étnico-raciais, sendo ela: A necessidade de conformação de um campo de saber que tenha a Diáspora negra e o pensamento radical negro como princípio norteador de qualquer análise, seja ela histórica, antropológica ou sociológica.

Dando um sobrevoo em diversos campos de conhecimento nos estudos que se dedicaram as estratégias de resistências negras, como o quilombismo, é evidente como essas análises têm sido fundamentais na visualização da liberdade para os povos negros no passado, presente e futuro. E por mais que o abolicionismo seja uma forma de construção de autonomia e alternativas que podem tornar as instituições opressoras obsoletas, como demonstraram os estudos sobre o abolicionismo na Europa e nos EUA, muitos ativistas, críticos e acadêmicos Afro-brasileiros formularam análises profundas sobre como o quilombismo é e ainda tem sido uma resposta duradoura que perdura através do tempo, como uma extensão da luta que levou às abolições díspares da escravidão nas Américas no século XIX. A longa história do quilombismo, como irão apresentar as autoras desse Dossiê, tem sido usada para considerar as possibilidades de escapar e resistir a sistemas de dominação e extração sob o capitalismo racial, expropriação indígena e racismo anti-negro.

O quilombismo é um dos vários conceitos importantes que têm sido usados nas Américas para imaginar diferentes formas de libertação, assim como o debate afro-pindorama tem se apresentado na atualidade no Brasil. Neste sentido, os

artigos que formam esse Dossiê apresentam formações alternativas de liberdade, incluindo, mas não se limitando a movimentos autônomos, anti-extratativismo, migratórios, trabalhistas, feministas, queer e anarquistas. Em conjunto, as várias facetas do quilombismo em diferentes frentes de luta, como no movimento epistêmico e político afro-pindorama, chama a nossa atenção para políticas e práticas heterogêneas pelas quais outro mundo pode ser construído a partir ou dentro das ruínas do presente.

Importante frisar que, a produção de reflexões deste Dossiê abordam os conceitos de quilombismo e suas elaborações contemporâneas, bem como seus vínculos, a partir de diversas disciplinas, regiões, comunidades e temporalidades. As abordagens cruzam interesses de acadêmicos, artistas, gestores públicos e ativistas de estudos indígenas, de racialização, de teorias queer e feministas. Algumas perguntas que estes artigos irão refletir giram em torno de: O quilombismo se aplica ao momento presente? O quilombismo foi substituído por conceitos como resistência? Quais são os limites do uso da ideia e prática de se aquilombar no contexto atual? Como os atores históricos e culturais navegaram nas tensões entre estratégias de fugitividade ou fuga, a inclusão e o reconhecimento? Como os conceitos de fugitividade, quilombismo e abolição nos ajudam a desafiar ou reimaginar noções herdadas de resistência, liberdade, libertação, entre outras? Como a produção cultural e a representação das relações entre negros, indígenas e latinos nos estudos de fugitividade, quilombismo e abolição escapam aos limites das formações disciplinares do conhecimento? Que tipos de produções culturais, pensamento especulativo e ativismos são facilitados ou exigidos pela fugitividade, Quilombismo e abolicionismo? Como os diversos movimentos podem se beneficiar de um amplo diálogo com os hemisférios cruzados sobre essas questões?

No artigo “A noção de quilombismo como estratégia do Teatro Experimental do Negro”, de Viviane da Soledade, os contextos que dificultaram a constituição de públicos negros a época e os impactos disso na sua produção cênica e de grupos futuros são apresentados com rigor científico buscando criar um paralelo acerca da noção de quilombismo desenvolvida por Abdias Nascimento, bem como são apresentadas as estratégias do TEN a partir de valores comuns à população negra em que a inspiração quilombola é explicitamente citada como orientação de suas ações sociais e artísticas. Enquanto no artigo “Aquilombando os valores civilizatórios Afro-brasileiros”, de Débora Campos de Paula e Renata Giovana de Almeida Martiello, há uma revisita aos Valores

Civilizatórios Afro-brasileiros elencados por Azoilda Loretto Trindade partindo do diálogo com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos. Os conceitos de dispositivo da sexualidade e da racialidade presentes nas obras de Michel Foucault e Sueli Carneiro são abordados com profundidade no artigo “O quilombismo como estratégia de desassujeição ao enlace entre os dispositivos de racialidade e sexualidade no Brasil”.

Através de uma análise atravessada por uma preocupação política sobre a identidade negra e o movimento artístico como vetor de consciência racial, o artigo “O Black Arts movement americano e orgulho racial negro”, de **Sueli Meira Liebig**, relaciona textos que se orientam por uma política de recentramento e ressignificação da identidade negra daquela época, respaldando-se nos aparatos teórico-críticos, práticas culturais e posicionamentos ideológicos de Baraka (1965); Barbour (1968); Gayle Jr. (1969, 1970); Nascimento (1978) dentre vários outros, que enxergam a partir de um ângulo desfocado da hegemonia branca. Ainda nessa toada de levar a sério o trilogia artes, negritude e quilombismo temos o artigo “Aqui-lombism@: intersecções entre Abdias de Nascimento e o afrofuturismo musical brasileiro”, onde a autora Beatriz Bessa investiga as relações existentes entre práticas musicais do campo artístico afrofuturista brasileiro e o conceito de quilombismo de Abdias de Nascimento. Para fechar o Dossiê, o artigo “Hip-hop & afrofuturismo: Lua Zanella um futuro negro e travesti”, as autoras **Steffane Santos** e **Lua Zanella**, discutem através de um pensar de forma interseccional e dase existências negras e genderizadas, as aproximações entre a cultura hip-hop e o afrofuturismo, traçando o paralelo da criação de futuros e das possibilidades de resistência de pessoas negras a partir da arte realizada no cerne dessa cultura.

Por fim, os artigos que compõe esse Dossiê, nos banham com flores e raízes, mas também nos lavam a alma com plantas que escurecem a nossa depravada de mata de modo a evidenciar uma produção sobre as formas de resistências herdadas dos movimentos quilombistas e outros que lutaram por liberdade em diferentes épocas e espaços das Américas, fugindo e escapando aos limites das formações disciplinares do conhecimento e se beneficiando de um amplo diálogo das estratégias de fuga, liberdade, libertação, inclusão e reconhecimento.